

A MENOR CIDADE DO BRASIL

Com apenas 822 habitantes, Serra da Saudade fica no centro-oeste de Minas Gerais. Na época em que era cortada por uma ferrovia, a cidade fervilhava

texto LUIZA VILLAMÉA fotos LUIZA SIGULEM

NAS CONVERSAS CORRIQUEIRAS, ela é apenas Serra. O nome do usuário e a senha para se conectar à rede wi-fi na praça principal também são Serra. Na hora de contar histórias do passado ou falar da peculiaridade local, todos usam o nome completo e um aposto – Serra da Saudade, a menor cidade do Brasil. Incrustada em uma cadeia de montanhas do Centro-Oeste mineiro, Serra da Saudade somou 822 habitantes no Censo 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Nenhuma outra cidade brasileira tem tão poucos moradores. Em contrapartida, a área é grande – só 4,6 vezes menor que o município de São Paulo, onde se espremem 11,8 milhões de pessoas. Mesmo sem jamais ter visitado a capital paulista, Pedro Afonso do Amaral Alves, 7 anos, compara as duas cidades, na classe do 1º ano do ensino fundamental, que divide com apenas quatro colegas. “Serra não é como São Paulo”, diz. “Aqui tudo é calminho. Não tem ladrão. A gente pode brincar na rua, pode brincar em qualquer lugar.”

Tranquilidade, de fato, tem de sobra. Não por acaso, as portas e janelas das casas costumam ficar abertas durante todo o dia. Abertos também ficam os carros estacionados nas ruas, muitas vezes com a chave na ignição. O movimento acontece em torno da praça principal, onde está instalada a Prefeitura e o Centro Cultural, além de a maior parte dos serviços. O comércio é coerente com o tamanho da população: uma loja de confecções, uma padaria, uma casa de produtos agropecuários, uma agência dos Correios, uma casa lotérica, dois mercados, e seis bares, que ninguém é de ferro. Farmácia não tem. Quem precisa de remédio, consulta o médico na unidade de saúde e, na sequência, avia a receita sem pagar nada. Dentista, fisioterapeuta, acupunturista, psicólogo e exames laboratoriais também são de graça. Com orçamento anual de R\$ 13 milhões, vindos de repasses federais e estaduais, a Prefeitura banca boa parte do atendimento à população, cuja renda mensal *per capita* gira em torno de um salário mínimo.

SOSSEGO

O movimento nas ruas só aumenta em períodos comemorativos, como a tradicional Festa do Peão, que acontece em maio

A escola de Pedro Afonso, o garoto que comparou Serra da Saudade a São Paulo, é a única da cidade. Por enquanto, está de bom tamanho. Os 152 alunos dos ensinos fundamental e médio contam com 14 professores e duas supervisoras, o que resulta em turmas pequenas, com direito a atividades extras que envolvem até releituras de clássicos do teatro. Quase a metade dos alunos mora na zona rural e chega à escola em transporte escolar. Antes de começar as aulas, todos tomam café da manhã. No meio da jornada, há uma pausa para o almoço, “com carne todos os dias”. O turno encerra com um café da tarde. No primeiro ano fundamental, além da professora Janete Nunes, há um estagiário, Cássio Rodrigues.

Aos 27 anos, Cássio faz curso de pedagogia a distância, em uma faculdade de Santos (SP), e planeja se tornar professor na cidade, onde nasceu. “Poucos homens trabalham com os primeiros anos do fundamental, mas é o que quero fazer”, conta o estagiário. Cássio também não escolheu o caminho habitual de rapazes e moças de Serra, que se mudam para cidades maiores, na primeira oportunidade que aparece. Sim, no que diz respeito ao trabalho, a cidade oferece pouquíssimas opções. Com 160 postos de trabalho, a prefeitura é de longe o maior empregador. As fazendas de gado e de lavoura de subsistência demandam pouca mão de obra. Daí, o esvaziamento da cidade, embora tenha registrado um crescimento de sete moradores nos últimos quatro anos, pelos cálculos do IBGE.

Nem sempre foi assim. Na primeira metade do século passado, Serra fervilhava. Pela ferrovia que cortava o então vilarejo, escoava a produção de café, milho e gado, além de madeira extraída na região. A Pensão da Barra, na antiga estação, às margens do rio Indaiá, chegava a servir 200 refeições por dia. O movimento

na outra estação, na praça principal, também era intenso. A construção está preservada, mas agora abriga um barzinho. Daqueles tempos, uma das atrações são dois túneis para a passagem de trens, inaugurados em julho de 1925, com 850 m e 1.000 m de extensão. Ambos podem ser percorridos de ponta a ponta.

Nascido em uma propriedade rural próxima aos túneis, José Gomes Sobrinho, o seu Zezé, 77 anos, conta que o trem passava pela manhã e à noite. “Todo final de tarde, juntávamos os cabritos para o trem não pegar”,



“O TREM PASSAVA PELO TÚNEL DE MANHÃ E DE NOITE. Todo final de tarde, juntávamos os cabritos para o trem não pegar. Depois que ele passava, soltávamos”

José Gomes Sobrinho, que nasceu nas imediações da antiga ferrovia

lembra seu Zezé. “De manhã, depois que o trem passava, soltávamos de novo.” Na estrada que leva aos túneis, uma placa do Circuito Turístico Caminhos do Indaiá indica a entrada para a Nascente da Balofa e explica a origem do nome. Maria Balofa era uma prostituta que trabalhava no antigo cassino da cidade e se apaixonou por um homem casado. “Por ser prostituta, estava sendo maltratada e ninguém a respeitava”, informa a placa. Em algum momento de 1948, Maria Balofa se matou na nascente onde costumava lavar suas roupas.

Quando o corpo foi encontrado, Paulo Ribeiro Neto, agora com 78 anos, estava entre os que acudiram ao lugar. “Do lado da Balofa, tinha uma lata de estriquinina”, diz Neto. “E era bonita a mulher.”

Do cassino onde circulava Maria Balofa não sobrou nem fotografia. Os trilhos da ferrovia também foram arrancados em 1969, tempos depois de a estrada ser desativada. A rodovia que passava por Serra também caiu em desuso, devido à construção de uma estrada federal asfaltada, a 60

km da entrada da cidade. Na casa centenária, impecavelmente conservada, que herdou do sogro fazendeiro, outro aposentado, Odilon Costa, o seu Odilon, 89 anos, fala do passado em uma tarde de calor escaldante. Ele chegou a Serra da Saudade há exatos 70 anos, em busca de oportunidades. Na fazenda onde nasceu e a mãe trabalhou até morrer, em Nova Serrana (MG), não tinha futuro: “Vim trabalhar na bomba de gasolina. Tinha duas bombas em Serra”.

Hoje, para abastecer, é preciso se deslocar para alguma cidade vizinha. A mais próxima, Estrela do Indaiá, fica a 24 km. Nos tempos em que “o trem corria”, seu Odilon, de forma indireta, também acompanhou a criação de Brasília. “Os caminhões com material para as obras passavam o tempo todo por Serra”, recorda. Ao fazer a retrospectiva, ele só confia em dois pesares. O primeiro é não poder sentar-se na recém-construída varanda da casa em companhia da mulher, Zizinha, que morreu há nove anos. O outro foi a demolição gradual do cassino, um edifício de pedras com amplas janelas de vidro, que teria sido visitado até pelo presidente Getúlio Vargas: “Cheguei a entrar no cassino. Era muito bem construído. Histórico. Não podia ter acabado”.

Mais atentas ao futuro e à boa forma, as novas gerações usam o caminho que levava ao cassino e chega aos túneis como pista de caminhadas. Entre os rapazes e moças que permanecem em Serra, 15 enfrentam cinco vezes por semana mais de 100 km diários, para fazer faculdade em municípios vizinhos. Saem de Serra às 17 horas e voltam pouco depois da meia-noite, em uma van. A viagem e o motorista são subsidiados pela prefeitura. Estudante de fisioterapia, Isabela Machado, 20 anos, está entre os passageiros. Escolheu o curso por gostar da profissão, mas também de olho no mercado. “Os dois fisioterapeutas que trabalham



MICROTURMA Pedro Afonso, ao centro, com os seus quatro colegas do primeiro ano fundamental



SEM LADRÃO As portas e janelas das casas não costumam ser trancadas, assim como os carros



AVANÇO Miguel e Antônio Humberto comandam uma fazenda que faz fertilização *in vitro*

